

Malê Debalê: uma origem, uma tribo, uma festa

Lúcia Fernandes Lobato*

RESUMO: Aqui são apresentados os elementos constitutivos que motivaram a fundação, em 1979, do bloco afro Malê Debalê, que, por suas ações espetaculares, principalmente no carnaval baiano, se tornou a entidade mais representativa da cultura negra de Itapuã. O bloco é identificado ao conceito maffesoliano de “tribo”, são descritos os símbolos de sua prática espetacular, reconhecidos por sua presença na vida política e cultural de Salvador e evidencia-se a importância do caráter festivo na constituição e na renovação constante do grupo.

PALAVRAS-CHAVE: Bahia; cultura negra; carnaval.

RÉSUMÉ: Ici sont présentés les éléments constitutifs qui ont donné raison d’existence, en 1979, au groupe social et culturel afro-bahianais Malê Debalê, qui, de par ses actions spectaculaires, notamment lors du carnaval, est considéré comme l’entité la plus représentative de la culture nègre du quartier d’Itapuã. Le groupe est identifié au concept mafesolien de “tribu”. On décrit les symboles de sa pratique spectaculaire, reconnus de par leur présence dans la vie politique et culturelle de Salvador de Bahia. La fête est prise en son importance structurelle pour la constitution et renouvellement du groupe.

MOTS-CLÉS: Bahia; cultura negra; carnaval.

ABSTRACT: Here are described the sources that led to the founding in 1979, of the african group Malê Debalê which, by its spectacular actions, especially in the Bahian carnival, has become the most representative organisation of the black culture of Itapua. The group is identified with the maffesolian concept of “tribe”. Its symbols are described as well as their spectacular practices, well known for their presence in political and cultural life of Salvador, Bahia. The importance of its festive character in the formation and renewal of the group is highlighted.

KEYWORDS: Bahia; black culture; carnival.

O bloco Afro Malê Debalê foi fundado em 23 de março de 1979 por um grupo de familiares, amigos e vizinhos moradores do bairro popular de Itapuã, situado no litoral norte da cidade do Salvador - Bahia. O cotidiano partilhado na mesma localidade, o respirar coletivo de sua gente na mesma ambiência e o conviver com os dramas e as delícias do dia-a-dia foram os responsáveis pelo surgimento e consolidação do grupo.

O nome Malê Debalê, escolhido a partir de uma consulta realizada na própria comunidade, foi

uma homenagem prestada aos malês, negros muçulmanos chegados à Bahia na condição de escravos. Os fundadores do bloco se identificavam com o perfil histórico de luta dos malês os quais em 25 de janeiro de 1835 realizaram em Salvador a maior revolta escrava urbana até então ocorrida, conhecida como a Revolta dos Malês. Foi uma justa



Foto de Crispim

homenagem e a este respeito manifestou-se Antônio Risério, em carta a Nei Lopes (1988, p. 69):

O sucesso do bloco afro Male Debalê, junto com a revalorização popular das revoltas islâmicas, criou uma espécie de mito em torno dos malês. Hoje na Bahia, qualquer negro informado, alguns com certa ponta de esnobismo (compreensível, mas condenável), afirma-se descendente dos malês.

* Professora da Escola de Dança da UFBA, Brasil

No entanto, apesar da homenagem, não era uma razão histórica que movia a formação do bloco, mas sim, a vontade e o desafio de, através da sua prática espetacular organizada, participar da festa.

Debalê, voltando às razões que deram o nome do bloco, foi uma palavra criada pelo grupo que tinha a informação de que “bali” significaria felicidade em yorubá. Assim, segundo Josélio de Araújo, membro fundador e atual presidente, o bloco foi batizado com o nome Malê Debalê na intenção de traduzir “negros da felicidade” ou “negros felizes”.

Apesar dessas conjecturas, a origem do bloco está intrinsecamente ligada ao sentido da festa como revelação de utopias. O impulso maior dos fundadores era referendar, através da **prática espetacular** no carnaval, a existência e legitimação do grupo na cidade do Salvador.

As festas populares vêm atraindo o olhar pesquisador contemporâneo de sociólogos, antropólogos, etnólogos e historiadores. A História Oral, fundada pelo Grupo dos Annales, chegou a se apropriar das festas como objeto de estudo, por sua inerente vinculação com a mentalidade, o cotidiano e a vida coletiva, introduzindo definitivamente o tema na preocupação das ciências humanas.

Atualmente, autores como Jean Duvignaud e Norberto Luiz Guarinello ressaltam o caráter lúdico e espetacular das festas introduzindo-as nas discussões acadêmicas, retomando e revendo a compreensão de sua gênese, buscando suas transformações e as possíveis leituras e analogias com os aspectos conjunturais sociais, culturais e históricos.

É indiscutível que as festas permitem uma apreensão do real. Elas constituem uma forma de apropriação do mundo, reveladora do imaginário coletivo de grupos e comunidades que, a exemplo do Malê, constroem, no viver comum de uma mesma realidade, os mesmos sonhos e as mesmas utopias. A utopia da festa desdenha e brinca com a mediocridade do presente e celebra o desejo.

Guarinello, entendendo a festa como um espaço e um tempo de exaltação dos sentidos sociais, assim conceituando (in Jancsó, Istvan e Kantor, Íris 2001, p. 972).

A festa é, portanto, sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa dos seus participantes.

No caso de Salvador, participar de forma organizada no carnaval significa vir a ser reconhecido e identificado como personagem social, o que justifica plenamente a motivação da fundação do Malê.



Foto de Crispim



Mas é importante ressaltar que hoje o carnaval, apesar da permissibilidade que supera o cotidiano, é regido por normas que regulamentam no interior de sua realização um jogo de poder e uma disputa social acirrada de espaço.

É fundamental compreender que o lúdico e as licenciosidades, inerentes às festas, dão lugar à revelação de frustrações, revanches e reivindicações. Nesse sentido, desde o Brasil colônia, aqueles que não participam dos privilégios encontram nas festas o espaço de realização e expressão de resistências. Isto porque, enquanto dura a folia, o entusiasmo e a alegria rompem com os padrões e as regras de comportamentos estabelecidos pelo poder, e as transgressões, incorporadas como elementos intrínsecos das festas, tornam visíveis simbologias étnico-culturais de grupos sociais fora do modelo dominante.



Foto de Margarida Neide

No processo histórico baiano, negros, índios e mestiços recriaram seus mitos, reproduziram suas hierarquias religiosas e tribais tocando, cantando e dançando no carnaval.

Até bem pouco tempo em Salvador, o carnaval mantinha sua característica essencialmente popular, apesar dos órgãos oficiais sempre se sentirem ameaçados, buscando domesticar e regulamentar as manifestações mais rebeldes. Nesse sentido, a festa tem conseguido dar visibilidade e dimensão às contradições ideológicas latentes nas relações da sociedade baiana. Inegavelmente, o negro, maioria na população de Salvador, tem ocupado um espaço no carnaval como elemento estruturante.

Esta condição poderia indicar um lugar privilegiado do negro no carnaval da cidade de maior população negra fora do continente africano, com uma cultura impregnada dos valores e da estética negra. Porém, como os blocos afros e os afoxés não reproduzem a ideologia do poder, mas, ao contrário, expressam a herança tribal, a religião e toda a força da cultura negra herdada dos escravos, acabam por instaurar na festa a contradição e a disputa por um espaço, que não lhes é assegurado pelo poder público local.

Por esta razão, as entidades negras e populares baianas acabam tendo que se defrontar com problemas de ordem político-econômica e com preconceitos raciais e estéticos. Têm que resistir e insistir para existir, e assim acabam por conseguir um espaço permitido, que, por outro lado garante a Salvador o exotismo que promove o sucesso para o *marketing* do turismo.

Neste contexto adverso, a sobrevivência dessas entidades se dá pela sua capacidade de resistir aos modelos em voga sendo fiéis às suas tradições, reproduzindo as simbologias, as heranças culturais e religiosas que as fazem orgulhosas de serem o que são. E a festa é uma possibilidade de revelação dessas utopias.

Os negros, em Salvador, ocupam a

cidade, tornando-se uma presença espetacular e reproduzindo valores e simbologias da sua cultura e da sua ancestralidade. Na festa desvelam as diferentes formas contraditórias de viver suas ações e contradições.

Assim, o desejo de contar a própria história, síntese de muitas estórias, e “melhor representar o nosso bairro no centro de Salvador, nas folias Momescas”, conforme escrito na Ata de Fundação, motivou Josélio de Araújo, Ubirajara Fernandes Lopes de Souza, Antônio Santana, Erivaldo Paulo de Oliveira, Delson dos Santos, Miguel Arcanjo dos Santos, Jorge Santos de Jesus, Antônio Luís Lopes de Souza, Alberto Caetano de Souza Santos e Enaldo Carvalho a fundarem, às margens da lagoa do Abaeté, o Malê Debalê.

O objetivo imediato era apenas participar do carnaval. Mas o impulso gerador revelava também o desejo do reconhecimento do bairro de Itapuã e sua cultura na sociedade baiana contemporânea. Apesar do ideal político da representação, o que realmente contava era o elemento lúdico, as práticas coletivas locais, a convivência, o futebol, a cerveja e a **conversa jogada fora**. O fundamental era a existência da vontade de dar dimensão espetacular ao simples **estar junto com**, como estratégia de identificação social.

Assim gerado, principalmente, pela ação espetacular, surgiu com festa o Malê Debalê. Surgiu, assimilando em seu discurso os heróis da rebeldia negra, os feitos revolucionários de escravos, a simbologia dos orixás somados à ironia e às incoerências da vida popular, aos costumes, aos hábitos contemplativos e praiheiros e à convivência com os encantos naturais daquele bairro.

Fundado em 1979, faz sua primeira apresentação no carnaval de 1980, levando para a avenida o tema: “Reino Dourado dos Achantes”. A música “Diz meu povo”, de autoria de Capenga, era muito simples e foi facilmente assimilada e cantada pelas ruas de Salvador:

“ E diz meu povo
Auê... Auêê
Diga de novo
Malê Debalê
Estou na avenida
Venham ver (Refrão)
Para conhecer

Que esse
É o Bloco Negro
É o Malê Debalê

Saudando as forças
Gandhy, Ilê e Badauê

Mas esse é
O Bloco Negro
É o Malê Debalê .”

A simplicidade da música não escondia, no entanto, os propósitos daquela gente. Chegavam saudando, respeitosamente, as entidades carnavalescas mais antigas da cultura popular negra baiana como Gandhy, Ilê e Badauê. Porém, também clamavam estar na festa, em plena avenida, como portadores das tradições e simbologias afrodescendentes. Chamavam o povo para se apresentar, afirmando ser o bloco negro Malê Debalê. Todos na rua ficaram contagiados com a alegria e a garra do grupo. Naquele primeiro ano, foi o campeão, na categoria das entidades afros, no concurso, então promovido pelo governo municipal.

Uma das responsabilidades desse sucesso foi sem dúvida a pulsação do toque de seus tambores, que dão o tom, o ritmo e a harmonia de toda a ação espetacular do bloco. A máxima é “tocou, dançou” e ao som dos seus tambores, todos dançam, ninguém fica parado e estabelece-se o reinado do movimento e, assim, acontece a festa.

Outro grande motivo do sucesso foi a Dança Malê que surgiu com o próprio Malê, pois desde sua primeira apresentação neste carnaval de 1980, é um elemento diferenciador em relação aos outros blocos baianos. Até então não se via, em



Salvador, desfiles com alas de dança. Os blocos eram como os conhecidos cordões de foliões que dançavam e brincavam sem nenhuma intenção coreográfica.

O Malê aparece, tendo a frente de seu desfile uma ala de dança organizada, ensaiada e coreografada por um de seus componentes, o dançarino conhecido pelo nome artístico de Formigão, hoje o mais antigo integrante do elenco do Ballet Folclórico da Bahia. A dança personalizou o Malê Debalê e lhe deu notoriedade. É reconhecidamente identificada por sua força e vigor, a tal ponto que o jornal *The New York Times*, conferiu-lhe o título de “O maior Ballet Afro do Mundo”.

Provavelmente o elemento mais representativo de todo o processo do grupo é o próprio símbolo do Malê. Ao fundo está desenhada uma meia-lua. Ocupando o centro do símbolo, incrustado na lua, um polígono estrelado regular de seis pontas, conhecido como o signo de David. Certamente, a intenção era representar a estrela de Salomão, de cinco pontas, reverenciando a mandinga dos malês, que colocavam esta estrela, em cima de um mantra, guardado num patuá que traziam no pescoço, para se resguardarem de olhados e bruxarias. Porém, o desconhecimento da diferença resultou no equívoco de representar, através da estrela de David, a crença vinculada à estrela de Salomão. Enfim, em cada ponta dessa estrela, desenhada no símbolo do Malê Debalê, aparece um búzio ou um peixe. Ao centro, destaca-se a figura da negra malê.

Assim, a lua, a estrela, os búzios, os peixes e a negra dão a forma e o sentido a uma imagem emblemática. Nela, é possível reconhecer a ambiência de Itapuã, representada pelos búzios, os peixes e a lua. A referência à ancestralidade e a religiosidade está representada na estrela. Na figura da mulher ativa, há uma homenagem à beleza negra.

Assim de festa em festa, a cada carnaval o Malê Debalê veio escrevendo a sua história vivida coletivamente, fixando seus símbolos represen-

tativos e constituindo-se a partir de uma matriz festiva que assegurou a solidariedade necessária para a construção da “Tribo Malê”.

O termo “tribo” é aqui empregado como um elemento coesivo, significando uma maneira de partilhar valores, espaços e ideais circunscritos num mesmo território, a partir de diversas experiências vividas em comum. Este elemento coesivo tem, no caso do Malê, uma base territorial comum, calcada no sentimento de participação e na responsabilidade, indispensável à sobrevivência do grupo.

Essa tribo existe a partir das individualidades de cada um de seus componentes que, juntos, se integram numa única forma na qual todas essas individualidades se diluem, produzindo o fenômeno reconhecido por Maffesoli (1998, p. 96) como a **transcendência imanente**, isto é, aquilo que ao mesmo tempo ultrapassa os indivíduos e brota da continuidade do grupo.

Assim, falar do Ser Malê remete à compreensão da metáfora “Tribo Malê”, pois este ente denominado Malê não está relacionado ao ser individual, mas sim ao ser coletivo.

O que permitiu ao Malê Debalê sobreviver às dificuldades e crises, ao longo de vinte e dois anos, foi a existência de um forte sentimento de ligação, denominado por Maffesoli de **pertencimento**, reconhecível entre seus integrantes. É esse sentimento que, além de dar a coesão ao grupo, garante o caráter cooperativo no interior da sua comunidade, instigando-a para ação. O mecanismo de pertencimento (MAFFESOLI, 1998, p. 194-196) é regido por três pressupostos: participar do espírito coletivo, integrar-se ao grupo (o que significa ter passado pelo *feeling* grupal) e ter vencido os diversos rituais iniciáticos.

Esse sentimento de pertencer possibilita, também, diferenciar uma comunidade – no caso do Malê, um bloco afro – da genérica categoria de um grupo étnico.

O pertencimento responde pela unificação dos esforços individuais em defesa dos interesses comuns que, na maioria das vezes, são desprezados pela sociedade, porque não constituem uma

verdade universal e projetiva, mas saberes localizados e, na maioria das vezes, imediatistas. A preocupação do grupo é o presente vivido coletivamente através de relações de sintonia.

Outra categoria identificável, tanto na “perdurância” do grupo, quanto na sua forma espetacular, é o **vitalismo** (MAFFESOLI, 1998, p. 94) que está na base do exercício de **ser/estar junto com** nas mais diversas situações corriqueiras e nos (assim considerados) fatos menores da vida cotidiana de cada um e do próprio grupo.

Podemos dizer que há, também, uma identificação, reforçando o que é comum a todos e definindo uma solidariedade e uma ética comunitária, reafirmando o sentimento que o grupo tem de si mesmo. É exatamente este sentimento que traduz uma maneira de Ser Malê oriunda de uma prática cultural oral e tribal, construída com base no localismo e na solidariedade e na ajuda mútua que encontra sua forma de expressão na música, no canto, na dança e na plasticidade de seus signos e símbolos.

Apesar da contemporaneidade e de todos os seus aparatos tecnológicos, o grande veículo de comunicação é o tambor, pois, para reunir rapidamente o grupo, ainda é o toque do tambor, ouvido à distância, que faz com que todos corram à sede porque alguma coisa está acontecendo. Tocando o tambor também são dirimidas brigas e feitas verdadeiras amizades.

Outra característica tribal, presente no Malê, é a desconfiança para com aqueles que chegam de fora. Apesar de serem bem recebidos e sentirem um clima hospitaleiro e acolhedor, não partilharão da confiança e da intimidade do grupo. Há o que pode ser revelado e o que constitui uma espécie de segredo. Pode-se reconhecer um comportamento secreto do grupo face àquele ou àquilo que vem de fora, o que determina um “autocentrado” que, até certo ponto, foi determinante para sua “perdurância”.

O fato de o Malê pertencer a Itapuã, uma localidade tradicional e praieira, afastada do centro da cidade, aumenta as características bairristas e provincianas dos integrantes do grupo. Os mais

velhos, ainda hoje, quando vão ao centro da cidade, vestem roupas domingueiras e avisam: “Vou à Salvador”, como se Itapuã fosse uma outra cidade.

Assim, não é de se estranhar que a personalidade da “Tribo Malê” seja arredia, caracterizada pela teimosia, a desconfiança e o “autocentrado”, mesclados a uma certa ingenuidade própria dos que vivem na aldeia.

Talvez por terem a consciência de serem descendentes da cultura negra e herdeiros da luta escrava na Bahia, ou mesmo por sua condição de pobres, negros e mestiços, sem os privilégios da sociedade, cultivam um caráter guerreiro e conspirador. Vivem numa espécie de resistência passiva e, dessa maneira, exercitam sua presença grupal nas diferentes formas de se relacionar com o poder.

A “Tribo Malê” não convive nem com as práticas discriminatórias, nem com o racismo e, muito menos, com o autoritarismo. Assim, se encontram no bloco pessoas de todas as cores e de todos os credos. A base religiosa é o candomblé, mas não há domínio de tal ou qual terreiro, nem interferência do grupo nas questões da fé pessoal.

Todas essas características definem o perfil desse Ser Malê que possui uma personalidade construída na tragédia e no cotidiano da vida, mas sonhada e glorificada na prática espetacular e na festa. O compositor e cantor Sivu, em sua canção intitulada “Jazz”, refere-se ao Ser Malê cantando o seguinte verso: “vagabundos de Deus, eu sou Malê Debá”.

Referências:

DUVIGNAUD, Jean. **Fêtes & Civilisations**. 2. ed. Paris: Scarabée & Compagnie, 1973.

GUARINELLO, NOBERTO LULIZ. In Jancsó, Istvan e Kantor, Íris. **Festa: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa**. V. II. São Paulo: Hucitec, Editora da Universidade de São Paulo/ Fapesp: Imprensa Oficial, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. 2. ed. São Paulo: Forense Universitária, 1998.

_____. **O conhecimento comum**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

RISÉRIO, Antônio. **Carnaval Ijexá**. Salvador: Corrupio, 1981.

